



LITERATURA MARGINAL: A PERIFERIA INSERIDA NA SALA DE AULA

FERNANDES, Luiz Antônio Nogueira.¹
KIEVEL, Juliano Vaz.²

RESUMO

Para falar de Literatura Marginal precisa-se ter em mente que esta é uma Escola Literária muito recente, no qual, ainda são poucos que se destacam no meio dela. Abordar-se-á neste trabalho a contextualização histórica dessa Literatura, também seus autores considerados percursores e influentes dentro desta corrente e, como objetivo principal, a sua inserção dentro da sala de aula, ou seja, o porquê de se trabalhar com discentes, o modo como pode ser trabalhada e sua funcionalidade como agregadora de conhecimento contextual de escolas situadas nas periferias das grandes cidades por exemplo. Será feita uma pesquisa metodológica bibliográfica com consultas a materiais conceituados sobre o tema Literatura Marginal. Pelas análises feitas a partir da leitura de diversos materiais disponíveis para consolidar-se a fundamentação teórica do trabalho, entende-se que a Literatura Marginal é de relevante importância para o ensino-aprendizagem dos alunos dentro de salas de aula, onde, esses alunos têm por contexto social uma marginalização diante da sociedade a qual estão inseridos. Considera-se a Literatura Marginal como um meio de inserção social dentro das salas de aula, ou seja, com uma proposta marginalizada, este tema consegue abordar alunos de diferentes classes sociais que convivem numa mesma sala de aula, para que, com isso não ocorra segregações no local onde serve para a socialização dos discentes.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Marginalidade, Periferia, Contemporaneidade.

1. INTRODUÇÃO

Quando se fala em Literatura Marginal poucos são os que a reconhecem por este nome. Há também os que nunca ouviram falar dela e nem em suas expressões de arte que nela são criadas. Convém realçar a relevância que essa Literatura traz para representar o aspecto do local onde ela foi escrita, ou seja, traz à tona as características da comunidade que tem por expressão artística a Literatura, tanto nas letras de rap, hip hop, funk (no âmbito musical), quanto nos textos em prosa ou nas poesias e nos desenhos de grafite que circulam nesse meio social, com o objetivo de criticar o sistema e alertar às dificuldades que, nesta sociedade não compreendida, todos enfrentam.

A Literatura à margem aparece desde a Antiguidade à contemporaneidade. Em cada tempo possuiu diferentes e alternadas características, mas com uma como pilar central, que a classifica como tal: a fonte de onde foi escrita sempre ter sido por um autor que, diante do contexto social de sua época, é considerado à margem, discriminado, excluído, posto à minoria em função de sua

¹Graduado em Letra Português/Inglês e Pós-Graduado em Literatura e Ensino, especialização *lato sensu*, pelo Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: luizantonio_nf@hotmail.com

²Graduado em Letra Português/Inglês e Pós-Graduando em Língua Portuguesa, especialização *lato sensu*, pelo Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: julianokievel@gmail.com



etnia, do seu poder aquisitivo, da sua religião, da sua orientação sexual e outros preconceitos pré-estabelecidos.

A Literatura quando vista de um viés histórico, possui a versatilidade de deixar-nos vislumbrados com a gama de conhecimentos que ela nos proporciona. Pois bem, com esse ponto de vista, o presente estudo visa comprometer-se em seguir seus objetivos com a finalidade de realçar a importância de introduzir uma outra vertente literária nas salas de aula, deixar claro os benefícios que essa Literatura pode alcançar quando trabalhada com alunos advindos das periferias, ou mesmo, das classes com menos oportunidades na nossa atual sociedade. Também, como objetivos secundários, o de esmiuçar e demonstrar a trajetória da Literatura Marginal até os dias de hoje, principalmente, para retirar-lhes os estigmas pejorativos e preconceituosos que nela são atribuídos.

Utilizar-se-á de uma pesquisa bibliográfica que resultará em recolher informações pertinentes e estudos realizados acerca da problemática que é a inserção de uma literatura que vise resgatar os alunos marginalizados para contextos inclusivos e que retratem sua realidade diária, e, justificando-se, remonte essa lacuna de conhecimento e aproximação entre alunos que vivem em contextos socioeconômicos de pouca oportunidade e o conhecimento literário que seja libertador e traga-os às luzes da cientificidade e engajamento social.

Em relação às análises e discussões que serão debatidas neste estudo, cabe ressaltar que elas possuem por excelência a função de informar os benefícios que a inserção de uma nova literatura na sala de aula, com alunos em contextos sociais desfavorecidos de oportunidades, não implica na ocultação ou exclusão das obras literárias que fazem parte do cânone, principalmente, brasileiro. Pois, assim, concluir-se-á que não haverá situações de marginalizações de conteúdos importantes durante ministrações de aulas com esse propósito, mas que serão novas portas de entrada ao mundo literário, com experiências mais próximas ao contexto social em que determinados alunos vivem diariamente.

2. LITERATURA MARGINAL E SUA SITUAÇÃO ATÉ A CONTEMPORANEIDADE

Obras literárias que são referências na Literatura foram de alguma forma, marginais. Ou seja, tem-se informações de obras que hoje são tratadas como cânones da Literatura Brasileira, já foram, consideradas literaturas marginais, pois, ou retratavam enredos que não condiziam com o que se



produzia no seu período, ou eram escritas por autores considerados à margem da sociedade, como é o caso de Lima Barreto e suas obras, por exemplo (BENEVENUTO, 2010).

O termo Literatura Marginal surgiu na década de 70, época em que o Brasil vivia sobre o regime dos militares. Essa literatura surgiu como forma de subversão, com intelectuais escrevendo poemas em folhas mimeografadas e distribuindo por lugares de convívio comuns. A grande maioria desses escritores pertencia à classe média alta e estudantes universitários, concentrados, basicamente, na cidade do Rio de Janeiro (NASCIMENTO, 2006). Neste contexto, a sociedade foi posta à margem, dentro de uma opressão do governo na época. Outro fator era que até duas décadas atrás, obras literárias ainda eram escritas com o foco ao público burguês dos grandes polos, não favorecendo, então, a proliferação e o destaque de escritores de origem humilde das periferias.

A associação do termo marginal à literatura produziu diferentes empregos e significados, dando origem a uma rubrica ampla e de entendimento quase sempre problemático. Isso porque a expressão literatura marginal serviu para classificar as obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial; que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos; que são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados; ou ainda, que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como “marginais” (NASCIMENTO, 2006, p. 09).

Érica Peçanha Do Nascimento, 2006, define em seu trabalho acadêmico o termo Literatura Marginal como difícil de dar apenas um significado, ocasionando assim várias problemáticas que o torna extremamente subjetivo para qualquer indivíduo que o ouça. Ela também define a expressão como um termo que classifica e engloba com semelhantes características determinadas, obras literárias que são produzidas em meio às periferias nacionais, e que trazem como tema, em sua maioria, o cotidiano dos grupos sociais que são marginalizados, postos à margem da sociedade burguesa e que dentro dessas obras, existem críticas contra o sistema em que vivem. Muitos desses temas são retratados, também, por escritores que não vivem o dia a dia da população das classes oprimidas, mas que mesmo assim, com estudos e pesquisas sobre esses cotidianos, criam obras referentes aos marginais com a diferença de que os escritores de dentro das periferias ganham menos prestígios de qualificação diante da mídia com suas obras autenticamente marginais, do que em relação aos escritores que vivem em seus apartamentos nas zonas urbanas das grandes cidades ou mesmo em grandes sítios afastados nos interiores das zonas rurais, aproveitando seus lucros exacerbados.

As mais comuns características dos poetas que escreveram Literatura Marginal na década de setenta, são que, originavam-se de classes privilegiadas da sociedade e se destacavam com suas

atividades referenciadas ao cinema, teatro e música, indagavam temas como sexo, drogas, dia a dia da sociedade burguesa, mas com críticas a esses costumes na maioria das vezes. Tinham por linguagem em seus poemas, a forma coloquial, com utilização de gírias decorrentes dos seus círculos sociais, palavrões. Utilizavam-se de imagens para expressar também suas ironias, imagens como tirinhas, charges, histórias em quadrinhos e principalmente fotos do cotidiano da classe média (NASCIMENTO, 2006).

Outro nome intitulado para essa literatura é: Periférica. Este termo faz referência estritamente à própria periferia das grandes cidades. Para diferenciar, de forma concisa, os dois termos que por infortúnio possam causar confusões no decorrer deste artigo. Cabe aqui ressaltar que “Marginal” pode representar alguns conceitos, o primeiro é o de que está ligado à própria margem do comércio de divulgação de obras, ou seja, são livros que circulam em festivais, eventos, e que são distribuídos de forma diferente em relação aos normalmente apresentados nos meios comerciais. (NASCIMENTO, 2006).

Outro conceito é sobre os indivíduos que vivem à margem da sociedade, ou seja, que pertencem aos meios que são estereotipados como grupos oprimidos, minorias sociais e outras formas, além de conceber um significado maior às obras que são produzidas por esses autores. (NASCIMENTO, 2006).

Literatura Marginal pode ser então considerada uma corrente literária que advém da década de setenta do século passado para ir contra as formas burguesas de literatura que havia na época, que instituía uma capitalização de livros e obras apenas para a circulação de capital, o resultado dessa corrente é uma inundação de poesias e obras com grande valor poético, porém, ainda não estimulado por grandes editoras, mas, que surgiam às margens da sociedade conquistando um público de pequeno poder aquisitivo, no qual, esses autores marginais distribuíam seus livretos por bares, portas de museus, e cinemas (HOLLANDA *apud* NASCIMENTO, 2006,). E o outro conceito, que pode causar confusão é a ideia de que marginal refere-se ao bandido que possa viver dentro de uma comunidade de classe social C, D ou E. Este último sentido de “marginal” não representar-se-á enquanto movimento literário, ou seja, “marginal” só terá o sentido, aqui, de corrente literária (NASCIMENTO, 2006).

E o termo Periférico pode entender-se como:

Urbanisticamente a periferia abarca as regiões afastadas dos centros urbanos, em geral habitadas pela população de baixa renda. Trata-se, portanto, da periferia como um espaço também social, um lugar ocupado pelas “minorias”, onde vivem os marginais e os marginalizados da sociedade. A periferia também se reveste de uma conotação política,



definida em oposição ao centro, tomado como modelo de desenvolvimento, seja econômico, social ou cultural (OLIVEIRA, 2011, p.32).

Nos anos 90 o movimento dos escritores marginais aparece novamente, mas dessa vez por autores de classe média baixa e com sua maioria sem possuir o ensino fundamental completo. Essa nova geração é relacionada aos problemas sociais da classe desprivilegiada da sociedade e retrata os problemas relacionados à periferia.

Ferréz já havia se utilizado da expressão literatura marginal, à época do lançamento do seu segundo livro, *Capão Pecado*, em 2000, para referir-se ao tipo de literatura que produzia e a de uma série de escritores com semelhante perfil sociológico, que estavam publicando entre o final dos anos 1990 e o começo do novo século, uma classificação representativa do contexto social nos quais estariam inseridos: à margem da produção e do consumo de bens econômicos e culturais, do centro geográfico das cidades e da participação político-social (NASCIMENTO, 2006, p. 15).

As principais características desse gênero literário são: Abuso da linguagem coloquial, gírias presentes no hip hop e das periferias e uso de palavrão (NASCIMENTO, 2006).

Em 2001, Ferréz traz à tona para sociedade algo que revolucionaria essa nova geração de escritores das periferias nacionais, organizada, editada e publicada por ele mesmo, uma revista com o objetivo de aglomerar textos produzidos por autores que estão dentro da marginalidade. “Literatura Marginal: a cultura da periferia”, é o título da edição que nos anos de 2002 e 2004 ganhariam suas sequências “formada por rappers, escritores amadores e grafiteiros ligados ao movimento hip hop, todos moradores do Capão Redondo” (NASCIMENTO, 2006, p. 16).

Na primeira edição, a revista “Caros Amigos” vinculou a divulgação dos textos. Essa edição contou com dez autores e dezesseis textos publicados. Contando com as sequencias publicadas pela revista, teve uma aparição de outros trinta e oito autores que publicaram seus textos nesses periódicos. Alguns escritores tiveram destas publicações seu destaque no mundo da literatura, já que antes nunca tinham nem mesmo pensado em contar a alguém que escreviam textos sobre seus cotidianos.

Em 2001, o escritor Ferréz idealizou, organizou e editou os textos de um projeto de literatura em revista intitulado “Literatura Marginal: a cultura da periferia”, que contou com a participação de dez autores em dezesseis textos. Nos anos de 2002 e 2004, outras duas edições de literatura marginal foram organizadas pelo escritor e veiculadas pela revista *Caros Amigos*, aglutinando textos de outros trinta e oito autores. Ferréz já havia se utilizado da expressão literatura marginal, à época do lançamento do seu segundo livro, *Capão Pecado*, em 2000, para referir-se ao tipo de literatura que produzia e a de uma série de escritores com semelhante perfil sociológico, que estavam publicando entre o final dos anos 1990 e o começo do novo século, uma classificação representativa do contexto social nos



quais estariam inseridos: à margem da produção e do consumo de bens econômicos e culturais, do centro geográfico das cidades e da participação político-social. (NASCIMENTO, 2006, p. 15).

Em todo esse meio, o livro “Cidade de Deus”, 1997, de Paulo Lins, foi sem dúvida o maior sucesso de uma Literatura Marginal, porém, esse sucesso só se obteve pelo fato de ter sido adaptado aos cinemas, assim poucos conhecem ou já leram o livro de Lins, mas uma grande parte da população nacional já assistiu ou ouviu falar do filme que rendeu milhões às bilheterias brasileiras (NASCIMENTO, 2006).

Influenciado por esse sucesso literário de Lins, Ferréz publicara seu livro “Capão Pecado” também em 1997, no qual, também recebe grande sucesso na sociedade em que vive, e com essas influências ele toma liberdade de organizar essa massa de textos marginais que, principalmente, mostrava uma nova cara real das periferias e desmitificava a ideia de senso comum, do qual nas periferias só existiam violência (NASCIMENTO, 2006).

Mas, com essas publicações, as comunidades agora têm grandes representantes de seus costumes, representes estes, muito conhecidos como o grupo de rap “Racionais Mcs” e “Facção Central” e, poucos conhecidos ainda como Allan da Rosa e Sacolinha entre outros também.

2.1 LITERATURA MARGINAL EM SALA DE AULA

Essas obras marginais têm relevância para que possa incluir toda a sala na contextualização da situação marginal que muitos seres humanos vivem, ressaltando que a desigualdade social existe, principalmente, nas grandes cidades do Brasil.

Com o objetivo de mostrar estas obras e a importância delas em todas as mídias e de tentar desmitificar a ideia de que Literatura Marginal só existe e deve ficar nas periferias, serão trabalhadas neste artigo as exposições de alguns poemas de autores marginais. Também existe o objetivo de mostrar como essas obras se inserem no ensino dentro das escolas e o que poderá ajudar na socialização e compreensão de mundo dos discentes quando lhes forem apresentadas as obras.

Os Miseráveis.

Vítor nasceu... no Jardim das Margaridas.

Erva daninha, nunca teve primavera.

Cresceu sem pai, sem mãe, sem norte, sem seta.

Pés no chão, nunca teve bicicleta.

Já Hugo, não nasceu, estreou.

Pele branquinha, nunca teve inverno.

Tinha pai, tinha mãe, caderno e fada madrinha.

Vítor virou ladrão, Hugo salafrário.

Um roubava pro pão, o outro, pra reforçar o salário.

Um usava capuz, o outro, gravata.

Um roubava na luz, o outro, em noite de serenata.

Um vivia de cativo, o outro, de negócio.

Um não tinha amigo: parceiro.

O outro, tinha sócio.

Retrato falado, Vítor tinha a cara na notícia,

enquanto Hugo fazia pose pra revista.

O da pólvora apodrece penitente, o da caneta

enriquece impunemente.

A um, só resta virar crente, o outro, é candidato a presidente.³(VAZ, 2013, p. 57).

O trabalho com Literatura Marginal em sala de aula não é uma prática muito comum atualmente. É importante que seja utilizado esse gênero textual nas escolas, pois além de colocar os alunos em contato com variados gêneros textuais, proporciona também a aquele aluno mais pobre, oriundo da periferia ou de classe social mais baixa onde não possa ter acesso a uma cultura mais culta, acesso a uma linguagem mais coloquial fazendo assim com que ele associe a escola e o conteúdo nela exposto com sua vida, e assim possa a se interessar mais pela literatura. Pois, segundo Bourdieu (1998, p. 42), “é o nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar da criança”, ou seja, a escola requer de seus alunos certa cultura que muitos deles não possuem e com isso ele acaba sendo a justificativa para o insucesso escolar.

Atualmente, nossos professores incutem hábitos, valores e costumes nas salas de aula que foge da rotina dos alunos periféricos, fazendo assim, com que esses alunos se desinteressem da escola. É importante trabalhar, também, uma literatura que inclua esses alunos mais carentes, culturalmente, para que ascenda assim seu interesse à literatura.

³ Manteve-se o formato do poema para concentrar a ênfase nele.



Obviamente que, existem poemas marginais que não podem ser tratados em sala por possuírem palavrões. Veja a seguir, um exemplo de poema marginal que pode ser tratado em sala de aula, no qual pode ser notada uma linguagem mais coloquial, mas com um valor didático importante.

A VIDA É LOKA

Esses dias tinha um moleque na quebrada com uma arma de quase 400 páginas na mão.

Umás minas cheirando prosa, uns acendendo poesia.

Um cara sem nike no pé indo para o trampo com o zóio vermelho de tanto ler no ônibus.

Uns tiozinho e umas tiazinha no sarau enchendo a cara de poemas. Depois saíram vomitando versos na calçada.

O tráfico de informação não para, uns estão saindo algemado aos diplomas depois de experimentarem umas pílulas de sabedoria. As famílias, coniventes, estão em êxtase.

Esses vidas mansas estão esvaziando as cadeias.

A Vida não é mesmo loka?⁴ (VAZ, 2016, p. 102).

É de suma importância trabalhar essa literatura, pois assim inclui-se essa literatura na sociedade, e essa ideia de que só o que provém da burguesia tem valor acaba, e integra assim os moradores periféricos à literatura. Veja as palavras de Ferrez, (poeta marginal).

Outra coisa também é certa: mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo o que prove que um dia a periferia fez arte. Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles de “excluídos sociais” e para nos certificar de que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história e não fique mais quinhentos anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura, o Caros Amigos/Literatura Marginal vem para representar a cultura autêntica de um povo composto de minorias, mas em seu todo uma maioria. (FERRÉZ *apud* OLIVEIRA; ESPINDULA; SANTANA, 2008, s.p.).

Estudando um pouco a história, descobre-se que a periferia vem dos escravos, negros e índios que já tinham sua própria cultura, mas que foi se enfraquecendo com o tempo, pois o país foi aderindo à cultura dos colonizadores, ou seja, a cultura europeia. A Literatura Marginal atualmente é uma das mais fortes (ou a maior) das vozes da periferia, periferia que ao produzir essa arte está tentando conquistar novamente seu espaço na sociedade. Assim, trabalhar Literatura Marginal em

⁴ Manteve-se sua estilística para conservar seu valor poético.

sala de aula, além de acrescentar o conhecimento nos alunos, é também uma forma de dar voz à periferia (NASCIMENTO, 2006).

É importante ressaltar que ao trabalhar Literatura Marginal na escola, o professor deve portar-se de maneira singular para com todos os alunos, jamais trabalhar esse conteúdo com os alunos mais pobres somente com a intenção de eles se reconhecerem, e nem trabalhar com os abastados somente com a intenção de mostrar-lhes a realidade periférica. É importante também, jamais corrigir a ortografia dos textos marginais, pois isso, acaba fazendo o aluno pensar que os poetas não sabem escrever e encobre o estilo próprio de cada um. É importante trabalhar esse conteúdo somente com a intenção de acrescentar esse conhecimento literário aos alunos (VICHESSI e RODRIGUES, 2010).

Trabalhar esse movimento literário em sala de aula, segundo Beatriz Vichessi e Cinthia Rodrigues (2010), pode despertar o interesse dos alunos por leitura mais facilmente, pois esse estilo literário é mais coloquial e possuem temáticas, geralmente, cotidianas.

Ao promover o estudo de produções marginais, o professor tende a despertar o interesse dos alunos pelo hábito da leitura e amplia o repertório deles de várias maneiras. A razão é o contato com os variados gêneros textuais marcados por temáticas geralmente cotidianas e com linguagem coloquial. Somam-se a isso termos e construções textuais diversificados e às vezes mais palatáveis e autores que não estão no panteão culto, aproximando a relação entre quem escreve e quem lê. (VICHESSI e RODRIGUES, 2010, p. 01).

Logicamente, os professores devem trabalhar esse tema sem esquecer-se da importância e relevância que os autores clássicos têm com a literatura, como Machado de Assis, José de Alencar, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, etc. Mas deve-se entender que a Literatura Marginal é tão importante quanto às outras. Isto é, precisa-se mostrar a importância e tentar ajudar os discentes a comparar as obras produzidas de diversas naturezas, mas “não com o intuito de mostrar como uma é inferior à outra, mas para que entendam como e por que diferentes grupos interpretam e registram questões muito semelhantes. E, é claro, para se despir de todos os preconceitos”. (VICHESSI e RODRIGUES, 2010, p. 01).

Toda literatura marginal tem por eixo central um enfoque, com o qual, o aluno, oriundo de uma classe social de baixo poder aquisitivo, possa identificar-se, com esse resultado de identificação, que por sua vez, passa a interessar-se por literatura, assim, pode buscar se culturalizar com algo que represente sua situação cotidiana. Já que tendo em vista que as culturas são apenas diferentes umas das outras, e, não melhores ou piores em comparações de complexidade, costumes burgueses, ou religiosos.

Atualmente podemos definir cultura por uma visão antropológica que relaciona seu significado a todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transição

genética, ou seja, cultura é tudo aquilo que adquirimos do meio em que vivemos como: hábitos, costumes, linguagens, vestimentas, religião, valores etc. Cada grupo social possui sua cultura, não há cultura superior ou inferior, ricas ou pobres, mais ou menos complexas e sim várias culturas que podem e vivem em uma mesma sociedade. Quando isso acontece dizemos que é ocorre um pluralismo cultural e esta característica pode encontrar na sociedade brasileira com muita facilidade (OLIVEIRA; ESPINDULA; SANTANA, 2008, s.p.).

Tem-se influência muito grande de autores clássicos em nossos aprendizados no decorrer dos anos que passamos na escola, nesse sentido, todos que, em seu dia a dia, vivenciam a leitura rebuscada desses autores, têm maior facilidade, em comparação com alunos que não têm essa vivência no cotidiano, de interpretá-los, o que resulta para os alunos das periferias numa: não busca e não interesse em dedicar-se no estudo dessas literaturas clássicas ao qual não se identificam.

Por isso a literatura marginal aparece como meio de suprir essa carência que existe por parte de alunos oriundos das periferias, no qual, com esses textos periféricos assumem uma identificação e aproximação em relacionar seu cotidiano com o que lê.

Isso ocorre por causa de uma questão aparentemente simples, a escola não respeita as diversidades culturais que nossas crianças trazem e com isso sempre repetimos os mesmos “erros”. Marginalizamos a cultura de nossos alunos, logo, produzimos o fracasso, ou seja, o fracasso não se dá pela falta de capital cultural, já que não lhes faltam cultura, e sim pelo desrespeito à diversidade cultural. Uma atitude que podemos tomar para mudar esse quadro é fazer a escola falar a língua dos alunos, utilizando os textos da “Literatura Marginal”, que, por sinal, são riquíssimos. Com eles podemos trabalhar vários conceitos e, mais importante ainda, os alunos irão se identificar com a escrita e com as histórias e poderão se ver nelas, já que vivenciam tudo aquilo que os textos trazem. A escola como instituição social tem o dever de reparar todos os danos que a nossa sociedade fez e ainda faz com os menos favorecidos economicamente, discriminando-os e rejeitando-os. (OLIVEIRA; ESPINDULA; SANTANA, 2008, s.p.).

A Literatura Marginal torna-se importante para a inclusão de alunos que são marginalizados em relação a outros dentro das salas de aulas, considerados por muitas vezes pelo próprio professor, além dos colegas de sala, como uma pessoa sem cultura. Isso ocorre porque o conceito de cultura que erroneamente aparece nos ideais dos alunos é que: quanto maior essa “cultura” for relacionada a um grande poder aquisitivo mais positivamente esse aluno é catalogado como “culto”, sendo que assim surge a desigualdade social dentro de um veículo de mediação que serve para acabar com esses pré-conceitos o quanto antes na vida das pessoas de qualquer sociedade (OLIVEIRA; ESPINDULA; SANTANA, 2008).

Com esse ponto de vista, observa-se que quanto menor o poder aquisitivo do aluno, mais sem cultura ele será catalogado. Por isso, a Literatura Marginal se faz importante, pois com ela todos os



alunos são integrados dentro de um sistema sem hierarquias literárias, já que assim todos participam e se identificam em algum texto, ou em algum período de estudos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atuais situações da Literatura Marginal na sociedade e no cotidiano dos alunos dentro da sala de aula ainda são vistas como não necessárias, pois a maioria dos professores ainda segue a receita de passar ao aluno o incentivo de ler somente clássicos literários dos séculos passados. A Literatura Marginal está em grande ascensão e, provavelmente, continuará a crescer.

Tendo em vista que alunos de periferias muitas vezes não possuem um letramento desenvolvido ao nível em que consigam entender e compreender todos os livros literários clássicos, os livros de literatura periférica encaixam-se muito bem na finalidade de preencher essa lacuna deixada pela estrutura da educação básica, no qual os alunos podem se identificar com as histórias, com as personagens e com a linguagem. As linguagens dos livros impostos por professores nas escolas públicas são mais complexas e rebuscada. Alunos que conseguem se identificar com as histórias que leem nos livros da periferia, tomam gosto maior pela Literatura em si.

Vale ressaltar que não pode haver exclusão de nenhuma obra literária clássica quando estudamos a Literatura, porém, cabe ao professor saber identificar o contexto social em que a turma se encontra, e perceber que aplicar uma metodologia que fuja do tradicionalismo e resgate essas crianças periféricas para o mundo da leitura, por livros que podem servir de ponte entre o gosto da leitura e da Literatura, para atravessá-lo até ao conhecimento.

Os textos marginais, no sentido de estar à margem, podem ser absorvidos com muita facilidade pelos alunos, pela sua metalinguagem, assuntos recorrentes no dia a dia e com enredos que os alunos poderão melhor se identificar. A Literatura Marginal, hoje em dia, é pouco trabalhada nas salas de aulas das escolas das periferias do país, mas que se inserida neste meio, pode trazer muitos benefícios a quem as adquire e absorve-as, pois além de ser da nossa cultura brasileira tem muito cunho social dentre as entre linhas dos textos que, por sua vez, podem ser de grande acréscimo à vida dos alunos.

REFERÊNCIAS

BENEVENUTO, S. J. A escrita como arma: uma análise do pensamento social na literatura marginal. 2010. 116 f. Dissertação (mestrado) - **Universidade Estadual Paulista, Faculdade de**

Filosofia e Ciências, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/88760>>. Acesso em: 15 set. 2017.

BOURDIEU, P. A escola conservadora. In: BOURDIEU, P. **Escritos da educação**. NOGUEIRA, M.A. CATANI, (Orgs). Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1998.

NASCIMENTO, E. P. do. Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - **Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.edicoestoro.net/attachments/057_LITERATURA%20MARGINAL%20-%20OS%20ESCRITORES%20DA%20PERIFERIA%20ENTRAM%20EM%20CENA.pdf>. Acesso em: 15 set. 2017.

OLIVEIRA, N. M. S. A. de; ESPINDULA, L. da S; SANTANA, T. de A. **Por que ensinar “Literatura Marginal” em nossas salas de aula?**. UERJ, 2008. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwipu4zzxfWAhWJWpAKHVvuClSQFggrMAE&url=http%3A%2F%2Fxa.yimg.com%2Fkq%2Fgroups%2F15913026%2F2022630744%2Fname%2Fpor_que_ensinar_literatura_marginal.pdf&usq=AFQjCNG4bDKs9EgkuSiHBVgCQfGaiMl4Zw>. Acesso em: 15 set. 2017.

OLIVEIRA, R. P. de. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. **Ipotesi, Juiz de Fora**, v.15, n.2 - Especial, p. 31-39, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/7-Literatura.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2017.

VAZ, S. **Colecionador de Pedras**. São Paulo: Global, 2013.

_____. **Flores de alvenaria**. 1ª ed. São Paulo: Global, 2016.

VICHESSI, B.; RODRIGUES, C. **Literatura periférica na sala de aula**. Nova Escola, 2010. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2608/literatura-periferica-na-sala-de-aula>>. Acesso em: 15 set. 2017.